

S. Pereira & M. Toscano (Eds.) (2015). *Literacia, Média e Cidadania - Livro de Atas do 3.º Congresso*  
Braga: CECS :: pp. 335-344 ::

---

**MARIANA DE SOUZA GOMES**

marianaufjr@yahoo.com.br

UNIVERSIDADE SORBONNE NOUVELLE – PARIS 3; CEISME;  
CAPES-MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

## ***JOURNAL JUNIOR: UMA ANÁLISE*** **DO TELEJORNAL INFANTIL** **FRANCÊS DO CANAL ARTE**

### **RESUMO**

Decerto, algumas imagens podem perturbar as crianças, sobretudo aquelas que ilustram imagens chocantes da realidade, encontradas nos telejornais, por exemplo. É também através da televisão que uma criança pode entrar em contato com outras sociedades e culturas, podendo estabelecer uma ideia de mundo e como se sociabilizar através do mesmo.

Através deste mote, um telejornal infantil foi criado em 2014 pelo canal franco-alemão ARTE. Este telejornal é direcionado ao público infantil de oito a 13 anos e tem duração de 15 minutos, sendo apresentado nas manhãs dominicais na França. Através do *Journal Junior*, um quadro com o perfil de uma criança em alguma parte do mundo e informações da atualidade são discutidas e apresentadas às crianças de forma didática; temas estes como a guerra ou o combate ao vírus Ebola.

Nesta presente comunicação, pretendo analisar em um primeiro momento o conceito de “promessa” (Jost, 2004) realizado por este programa infantil, que estabelece uma ligação entre os dois comunicantes, bem como a linguagem adotada pelos jornalistas e pela produção deste programa. As imagens presentes neste programa também são meu objeto de estudo nesta pesquisa, fundamentado através da regra 3-6-9-12 de Tisseron (2014) sobre o tipo de imagens às quais crianças se veem confrontadas através da multiplicidade de telas.

Em um segundo momento, pretendo analisar igualmente o conceito de programa cultural e de televisão educativa, que muitas vezes se traduz por uma hiperpedagogia nos programas infantis. Para tal, guiarei minha análise à luz de Camille Brachet (2010), Duek (2014) e Machado (2009).

### **PALAVRAS-CHAVE**

Infância; cultura; televisão; jornal

---

## INTRODUÇÃO

A televisão resiste apesar de toda a atual multiplicidade de telas (*smartphones, tablets...*). De tamanhos diferentes, de plasma ou LCD, LED ou 4k, este meio de comunicação consegue se reinventar face à concorrência com outros tipos de meios. Desta mesma forma, o conteúdo da programação televisiva torna-se competitivo diante desta panóplia de opções audiovisuais.

No contexto audiovisual francês, todos os cinco canais públicos apresentam programação infantil, bem como três dentre os dezessete canais privados gratuitos (CSA, s/d, Les chaînes hertziennes). A programação infantil nos canais franceses é organizada de acordo com o horário da saída escolar (16h30) e também com o fato de que às quartas-feiras não há aulas, sendo um dia reservado para que as crianças possam fazer outras atividades. Entretanto, algumas famílias – por questões econômicas ou por opção, optam por deixarem seus filhos com babás ou com algum membro da família. Assim, os programas infantis na França são mais importantes nas quartas-feiras, aos finais de semana e após a saída escolar.

Vale ressaltar que a televisão é uma das formas que tem a criança de fazer numa ideia de mundo e da sociedade à sua volta, daí a importância em estarmos atentos aos conteúdos da programação concebida para o público infantil. É também através da televisão que uma criança pode aprender a como se socializar, se comportar e até mesmo como agir em uma determinada sociedade. Desta forma, o conteúdo veiculado na televisão é algo que diz respeito a todos: professores, pais, educadores, enfim, cidadãos.

Analisarei, neste presente artigo, o programa *Journal Junior*, que tem duração média de 15 minutos e é exibido pelo canal franco-alemão ARTE nas manhãs dominicais durante um programa chamado *ARTE Junior*, que é inteiramente direcionado, como o nome suscita, ao público infantil. Através deste telejornal infantil, pretendo analisar como algumas informações até então contidas em telejornais para um público adulto são transmitidas para um público infantil e como o conceito de qualidade pode ser (ou não) presente nesta obra audiovisual. Trata-se de um programa cultural? O objetivo de um telejornal é informar; a linguagem adaptada para o público infantil permite que este objetivo seja atingido? As imagens e o conteúdo de um telejornal podem ser adaptadas ao público infantil apenas com a mudança de discurso?

## TELEVISÃO NA INFÂNCIA: UMA UNIÃO POSSÍVEL?

Desde sua criação, os objetivos da televisão são bem estabelecidos: educar, informar e entreter. Nos dias atuais, encontramos estes três fatores em diversos gêneros audiovisuais, muitas vezes de forma híbrida. A respeito da televisão e seu uso por parte de crianças, Dafna Lemish (2007, p. 25) afirma que este meio criou muitas expectativas para aqueles que a consideravam como uma ferramenta de educação. De um lado, alguns mais céticos afirmavam que a televisão poderia ser um objeto de desvalorização moral, de destrutor de saberes; de um outro, pensava-se a televisão como uma forma de divulgar culturas e conhecimentos em larga escala, de forma a desenvolver a imaginação das crianças.

Este presente artigo não pretende, diga-se de antemão, corroborar o pensamento simplista de que a televisão pode prejudicar o desenvolvimento da criança, da mesma forma que o contrário também não procede: pretende-se aqui pensar a televisão como um meio de comunicação ao qual crianças de todo o mundo estão habituadas e que tipo de imagens e discursos são divulgados, visto que, como dito anteriormente, esta é uma discussão que transpassa a pesquisa e diz respeito a todos os cidadãos.

Atualmente, não só a televisão é alvo de crítica quanto ao uso dos adultos, como também outras telas e formas de acesso às obras audiovisuais. De acordo com Serge Tisseron (2014, p. 25), os *tablets* são vendidos como uma ferramenta pedagógica, um instrumento com o qual pode-se aprender mais rapidamente e sozinho. Entretanto, segundo Tisseron (2014), o digital poderia prejudicar a capacidade cognitiva da criança, sobretudo se esta tem menos de três anos. Seria necessário então estabelecer um equilíbrio para que o digital não ocupe o lugar principal das atividades, caso contrário a criança pode tornar-se fragilizada e ter dificuldades para organizar um pensamento lógico.

Desta forma, Tisseron propõe a regra 3-6-9-12 em seu livro *homônimo* (2014) afim de ilustrar como as crianças podem ter contato com as telas (televisão, *tablet*, etc.) de forma a não prejudicar o desenvolvimento infantil. Entre 3 e 6 anos, é desaconselhável que uma criança tenha televisão em seu quarto e os responsáveis devem controlar o tempo de visionagem da criança: este deve ser limitado a 30 minutos.

Entretanto, segundo Dafna Lemish (2007, p. 15), o advento das televisões portáteis e de melhor qualidade fez com que as classes média e alta encorajassem a compra de aparelhos televisivos para que as crianças assistam sozinhas em seus quartos. O que seria um mimo para estas crianças, na verdade é de ausência de responsabilidade dos responsáveis.

Para as crianças de seis a nove anos, faixa etária que diz respeito ao público do telejornal infantil analisado neste artigo, Tisseron (2014, p. 45) afirma que deve-se continuar a proibir a televisão e o computador dentro do quarto da criança, a fim de evitar que ela tenha autonomia com estas telas e seja confrontada a conteúdos audiovisuais sem a supervisão ou consentimento de seus responsáveis. De acordo com Tisseron (2014), a criança pode administrar o tempo que pode utilizar o computador, o *tablet* ou a televisão, desde que ao mesmo tempo possa utilizar seu tempo para fazer outras atividades que permitam a socialização, como um jogo com seus amigos ou atividades esportivas.

A partir do momento em que as crianças podem ver televisão com consentimento de seus responsáveis, é necessário igualmente que estes se interessem pelo conteúdo que as crianças vêem de forma a controlar o que é visto, mas também para que seja uma pista de discussão familiar (Tisseron, 2014, p. 46). Desta forma, a criança poderá verbalizar as razões pelas quais ela não deve estar exposta a certos conteúdos e aprender o direito à intimidade (em relação ao *smartphone*, *tablet*...) e os efeitos das imagens sob nossas escolhas (publicidade, imagens violentas...).

A respeito das imagens violentas e dos conteúdos prejudiciais às crianças, um Conselho pertencente ao Conselheiro Superior do Audiovisual (CSA), agente regulador deste meio na França, é responsável da deontologia de informação destes programas. De acordo com o CSA (s/d, *Que regardent les enfants?*) partindo de dados de 2009, oito entre 10 programas mais vistos pelas crianças francesas são de tele-realidade e entre os 100 programas mais vistos, 43 são telejornais. Deve-se dizer que estes são programas não se direcionam ao público infantil, o que diz respeito ao diálogo familiar e ao contrato que deve-se estabelecer com as crianças sobre o que deve ou não ser visto na televisão.

Ainda segundo o CSA (s/d, *L'impact de la télévision*), “até oito anos uma criança só deveria ver programas concebidos para ela, evitando o telejornal que, em particular, não é adaptado à sua sensibilidade”. Desta forma, como um canal aberto na França pode apresentar um telejornal infantil? Como este telejornal é apresentado?

## **POR QUÊ UM TELEJORNAL?**

Muitas vezes ligamos a televisão como um ato já consolidado como automático: vemos a televisão como um barulho de fundo enquanto fazemos outras atividades, com o objetivo de dar impressão de barulho, ou

por puro hábito enquanto cozinhamos ou até mesmo, quando deixa-se uma criança sozinha em casa. A esta forma de ver televisão Dafna Lemish (2007, p. 17) chama de uso estrutural. Este uso pode igualmente determinar a que horas tais atividades devem ser feitas (“escove os dentes depois do programa X”; coma o pequeno almoço depois do desenho, etc.)

Segundo Lemish (2007, pp. 17-18) os usos relacionais da televisão dizem respeito ao uso familiar deste meio. Assim, a televisão oferece pistas de discussão familiar quando mostra alguns temas e a família pode conversar sobre o enredo ou o tema abordado. Facilitando a discussão, ver a televisão em família pode proporcionar uma experiência em comum – risos, emoção, suspense – de forma que verbalizando estes sentimentos, crianças podem discutir sobre eles com seus pais.

Assim, o segundo uso seria o mais recomendável, visto que, como mostrei anteriormente neste artigo, Tisseron recomenda que a visionagem de programas audiovisuais pelas crianças seja também de interesse de pais e responsáveis, para que sejam estabelecidos o diálogo e a compreensão.

Vale salientar que é melhor aprender a utilizar a televisão em família que proibir o seu uso – o mesmo cabe para outras telas (*tablet*, etc.). O fato que algo seria proibido ou inadequado para sua idade poderia suscitar curiosidade e conseqüentemente o uso da televisão sem supervisão. Todos os dias conectamo-nos à Internet, vemos televisão, enfim, os meios de comunicação são presentes em nosso cotidiano, nos oferecendo informações e dados sobre o mundo que nos permitem posicionar-nos perante ao mesmo. Para tal, é necessário que utilizemos estes dados e informações de forma reflexiva e crítica, enquanto agentes transformadores, daí a necessidade de dialogar sobre eles.

O pedagogo francês Célestin Freinet foi o pioneiro na Europa a utilizar os meios de comunicação como auxiliares à educação. Através do exercício de escrita de um jornal em sala de aula, bem como documentos audiovisuais projetados em classe, o pedagogo começava um processo que hoje vivenciamos com o auxílio dos *tablets* em sala de aula. Atualmente na França, o projeto “Plano Digital” do governo de François Hollande pretende viabilizar os colégios e escolas com 3,3 milhões de *tablets* para os alunos, o que provoca algumas reações positivas e negativas por parte de pais e professores (Chesnel, 2014).

Entretanto, espera-se de um telejornal a informação, as notícias locais e do mundo para que possamos nos situar e formar uma linha de pensamento sobre uma determinada sociedade, por exemplo. Ao discutir sobre o que é mostrado no telejornal, uma criança pode raciocinar sobre a

veracidade dos fatos e inclusive sobre o mito da credibilidade e eficiência da televisão.

## ***JOURNAL JUNIOR***

Exibido pelo canal ARTE, o *Journal Junior* é direcionado às crianças de oito a 12 anos e apresenta a atualidade mundial através de jornalistas franceses e alemães. As crianças devem interagir com o telejornal, enviando perguntas cujas respostas ou discussões são apresentadas nas matérias dos jornalistas.

Basicamente este jornal possui: uma parte com informações e elementos da atualidade (eleições, um laboratório que busca a erradicação do vírus ebola...), uma curiosidade (fenômenos físicos, qual a relação do prêmio Nobel com a infância...) e um perfil do cotidiano de uma criança de uma sociedade e/ou cultura diferente (turca, romena, argentina...).

No programa exibido no domingo dia 11 de janeiro de 2015 (Kaiser, 2015), o perfil foi de uma criança indiana; como de hábito, a introdução narrativa é composta de: Bom-dia, chamo-me X e estou cursando X ano na escola X e moro na cidade X. Em seguida, hábitos culinários, de rotina e preferência de lazer, por exemplo, são mostrados no telejornal. Segundo François Jost (1997, p. 17), todo discurso pode ser direcionado à uma pessoa e o “testemunho” se propagou consideravelmente em todos os tipos de programa. Ainda segundo o semiólogo, um enunciador real é um forte argumento para que o telespectador faça sua adesão a este tipo de programa.

Ao mesmo tempo que a forma de enunciação deste quadro nos convida à prestar atenção nele, o fato de que seja um discurso de uma criança para outra também influi, visto que pode ocorrer a identificação. Desta forma, a oralidade é presente, atraindo ainda mais o seu público.

Ao apresentar o seu cotidiano, algumas imagens são escolhidas de maneira a suscitar a curiosidade do público infantil. Uma delas é o fato de mostrar hábitos completamente diferentes dos franceses (e também dos alemães, visto que o programa também é exibido na Alemanha): como as crianças indianas (Kaiser, 2015) buscam água no poço; como vivem oito meses no deserto para extrair o sal; como comem um pão diferente e também como fazê-lo.

De acordo com Lemish (2007, p. 82), alguns programas educacionais enfatizam cada pessoa e o modo como ela vê o mundo mostrando situações da vida como o primeiro dia de escola e o nascimento de um irmão

mais novo, por exemplo. Segundo Lemish (2007), este conteúdo contribui para o desenvolvimento da tolerância e da aceitação da diversidade.

Após a visionagem deste perfil de uma criança indiana, é apresentado o dossiê principal do jornal: o inverno e as pessoas que não têm onde morar. Após uma sensibilização com imagens de crianças pendurando os casacos nos corredores antes de entrarem nas salas de aula, várias crianças, identificadas apenas pelo primeiro nome na legenda, fazem as seguintes perguntas: “Como um morador de rua suporta o frio e a neve no inverno?”; “O que comem os moradores de rua?” (Kaiser, 2015). Em seguida, o jornalista começa sua narrativa, afirmando que estes devem cobrir-se com várias roupas para suportar o frio e informa que há várias associações e voluntários que se encarregam de distribuir roupas e comida quente para ajudá-los, entretanto alguns morrem de frio.

A respeito deste tipo de mote para um dossiê de telejornal infantil, Lemish (2007, p. 26) propõe duas categorias: sobre informações e sobre comportamentos. Segundo Lemish (2007), conversas sobre moradores de rua, cura do vírus ebola, por exemplo, contribuem para que dimensões adicionais sejam utilizadas, como a moral e política. Somente o fato de assistir a televisão com as crianças e fazer pequenos comentários contribui para que o pensamento crítico seja desenvolvido e para que as crianças sejam levadas à sério, isto é, sejam consideradas como pessoas que podem discutir sobre temas adultos, a partir de seu ponto de vista e de seu conhecimento de mundo enquanto criança.

No mesmo programa (Kaiser, 2015), três minutos (sobre 15) são utilizados para falar do atentado ao local do jornal Charlie Hebdo, conhecido como o atentado de sete de janeiro. A âncora do telejornal introduz o fato: “Vocês sabem, algo de inacreditável aconteceu nesta quarta-feira”. De acordo com François Jost (1997, p. 17), a destinação em segunda pessoa testemunha a tentativa de colocar o telespectador no centro de um dispositivo pela introdução de uma relação entre o programa (nós) e o espectador (vocês).

Evidentemente, como se trata de um programa direcionado ao público infantil, a linguagem deve ser clara e adaptada. Assim, a âncora diz: “uma caricatura é um desenho que zomba de algo ou alguém e é uma forma de expressar sua opinião” (Kaiser, 2015). A reportagem segue com imagens de jovens e pré-adolescentes que manifestam em alguns colégios e o discurso do presidente francês François Hollande, ao chegar no local do atentado. Ao informar quem é responsável pelo atentado, a jornalista diz: o jornal já tinha sido ameaçado por integristas. “Os integristas são pessoas que estão prontas para matar a fim de impôr sua religião” (Kaiser, 2015). A

narrativa segue com uma explicação: “Hoje é importante de fazer a diferença entre integristas, que utilizam a religião para matar e os simples muçulmanos”. Esta frase introduz o discurso de um muçulmano, que afirma ser *Charlie*<sup>1</sup>, isto é, afirma estar chocado com os integristas.

Além da conversa sobre informações, sobre a qual discurssei anteriormente neste artigo, é imprescindível, para este caso, que a diferença entre muçulmano e integrista seja feita, caso contrário contribuirá para o estereótipo de que todo muçulmano é radical. Em nenhum momento é afirmado um *muçulmano integrista*, apenas *integrista* é dito, o que basta para compreender o fato. Assim, o canal obedece ao artigo do Tratado interestadual do canal ARTE<sup>2</sup> (este canal não é regido pelas leis do CSA), onde “o princípio da compreensão entre os povos, dignidade do homem, convicções morais ou religiosas” deve ser respeitado.

### **JOURNAL JUNIOR: PROGRAMA CULTURAL?**

Um dos princípios para analisar a qualidade de um programa é o obediência às suas leis, o que foi visto logo acima. Como já afirmado anteriormente, os objetivos principais da televisão desde sua criação eram os de informar, educar e distrair. Contudo, segundo Brachet (2010, p. 21), há uma notável verificação que os programas de entretenimento são mais presentes que os culturais: os canais se distanciam então do objetivo principal, que é o de divulgar a cultura.

Segundo François Jost (2004, p. 32), a televisão estabelece uma comunicação com seu telespectador a partir do conceito de promessa ontológica: uma comédia nos faz rir, um filme de romance promete nos emocionar, por exemplo. A respeito dos programas infantis, existe uma dupla promessa: entreter e educar. Vale ressaltar que o que atrai primeiramente a criança é o lúdico, sendo uma promessa aos pais (educação) e às crianças (diversão).

Arlindo Machado (2009, p. 54) critica o modelo de programa educativo ao dizer que “se o programa é concebido de maneira inteligente, ele educa bem”. Esta mesma crítica é feita por Duek (2014, p. 216), que afirma que para muitos produtores um programa cultural é caracterizado por uma dose exagerada de pedagogia.

<sup>1</sup> *Je suis Charlie* ou em português Eu sou Charlie é uma frase utilizada para defender a liberdade de expressão na França e no mundo após o atentado de 7 de janeiro 2015 ao jornal satírico Charlie Hebdo.

<sup>2</sup> *Traité interétatique* ([http://www.arte.tv/static/c5/pdf/traite\\_inter-etatique.pdf](http://www.arte.tv/static/c5/pdf/traite_inter-etatique.pdf))



De fato, ao realizar um perfil de cada habitante no mundo, o telejornal em questão demonstra um pouco de pedagogia, que logo cede às informações. O divertimento não é o caráter principal deste programa, mas sim o de informar. Para tal, a linguagem é adequada ao público infantil e a forte presença de crianças nas imagens provocam a identificação e, conseqüentemente, a fidelização do telespectador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que apesar de um telejornal ser considerado como um programa não-recomendável às crianças, o canal franco-alemão ARTE exhibe aos domingos um telejornal direcionado às crianças de oito a 12 anos. De curta duração, permite à criança se familiarizar com assuntos importantes ocorridos no mundo durante a semana (o programa é semanal apenas) e ao mesmo tempo há tempo livre para que a criança possa realizar outras atividades.

É durante a infância que se constrói um adulto feliz e saudável, daí a necessidade de controlar o que é visto por elas nesta fase. Deve-se dizer ainda que a criança começa se posicionar em uma sociedade nesta fase. Assim, dialogar sobre temas atuais e importantes, levando em conta a seriedade de uma criança e sua perfeita aptitude a dialogar com os pais sobre guerra, religião, curiosidades do prêmio Nobel são explorados no *Journal Junior*.

Apesar da seriedade e talvez até mesmo da gravidade dos temas, nenhuma imagem chocante ou violenta é mostrada, tomando em conta e respeitando a idade do público-alvo. Ao mostrar crianças de todo o mundo, sua cultura e seu cotidiano, a criança pode exercer a sua tolerância e desenvolver em si também a curiosidade.

Desta forma, o programa infantil *Journal Junior* é um exemplo de telejornal que pode oferecer pistas de discussão e reflexão à criança, contribuindo para o exercício de um pensamento crítico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brachet, C. (2010) *Peut-on penser à la télévision ? La Culture sur un plateau*. Paris : Le Bord de l'Eau, INA.
- Chesnel, S. (2014, 14 de setembro). Tablettes numériques pour tous au collège: la fausse bonne idée? *L'Express*, p. 5.

- Duek, C. (2014). L'enfance, la télévision et l'Etat argentin: Une discussion sur la qualité des programmes télévisés pour enfants. In F. Jost, *Pour une télévision de qualité* (pp. 207-218). Paris: INA.
- Jost, F. (1997). La promesse des genres. *Réseaux*, 15(81), 11-31.
- Jost, F. (2004). *Seis lições sobre televisão*. Porto Alegre: Sulina.
- Lemish, D. (2007) *Children and Television: A Global Perspective*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Machado, A. (2009) *A Televisão levada a sério*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Tisseron, S. (2014) *3-6-9-12: Apprivoiser les écrans et grandir*. Toulouse: Editions Erès.

## OUTRAS REFERÊNCIAS ONLINE

- CSA. (s/d). L'impact de la télévision [Publicação em site]. Acedido em 10 de março de 2015 <http://www.csa.fr/Television/Le-suivi-des-programmes/Jeunesse-et-protection-des-mineurs/Nos-enfants-et-la-television/L-impact-de-la-television>
- CSA. (s/d). Les chaînes hertziennes [Publicação em site]. Acedido em 10 de março de 2015 <http://www.csa.fr/Television/Les-chaines-de-television/Les-chaines-hertziennes-terrestres>
- CSA. (s/d). Que regardent les enfants? [Publicação em site]. Acedido em 15 de março de 2015 <http://www.csa.fr/Television/Le-suivi-des-programmes/Jeunesse-et-protection-des-mineurs/Nos-enfants-et-la-television/Que-regardent-les-enfants>
- Traité interétatique. (s/d). Acedido em 15 de março de 2015 [http://www.arte.tv/static/c5/pdf/traite\\_inter-etatique.pdf](http://www.arte.tv/static/c5/pdf/traite_inter-etatique.pdf)

## RECURSOS AUDIOVISUAIS

- Kaiser, A. (Produtor) (2015, 11 de janeiro) *Arte Journal Junior* [Programa de televisão]. Paris & Berlim: ARTE.